



Legitimando um populismo anti-ciência: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre a vacinação contra Covid-19 no Twitter

Legitimizing an anti-science populism: analysis of Bolsonaro's arguments about Covid-19 vaccination on Twitter

Ana Carolina Pontalti Monari ^{a,*} 

Kizi Mendonça de Araújo ^a 

Mateus Ramos de Souza ^b 

Igor Sacramento ^c 

RESUMO: O fenômeno nomeado de infodemia expôs o cenário de confrontação de políticos populistas de extrema-direita contra evidências científicas no tratamento e controle da Covid-19 por meio das redes sociais digitais. Tais narrativas são marcadas por crenças e posicionamentos político-ideológicos colocados em antagonismos. Este artigo busca mapear e analisar os argumentos do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, sobre a vacinação contra Covid-19 proferidos no Twitter. Utilizando as estratégias de legitimação de Van Leeuwen (2007), sistematizadas por Recuero (2019, 2020), analisamos 19 postagens sobre o assunto publicadas no perfil oficial de Bolsonaro para compreender as suas formas de argumentação em relação à vacina contra Covid-19, a maneira com que ele transforma uma vacinação em uma disputa político-ideológica e como ele faz do Twitter um espaço de confrontação. Em nossa investigação, observamos que o presidente, baseado em uma lógica populista e neoliberal, se utiliza principalmente das estratégias de autorização e racionalidade para construir a narrativa de que o indivíduo tem a liberdade de escolher se vacinar ou não.

Palavras-chave: Vacinação; Covid-19; Estratégias de legitimação; Populismo.

ABSTRACT: The infodemia phenomenon exposed the confrontation scenario of far-right populist politicians against scientific evidence in the treatment and control of Covid-19 through digital social media. Such narratives are marked by political-ideological beliefs and positions placed in antagonisms. This article aims to map and analyze the current Brazilian president's arguments about Covid-19 vaccination on Twitter. Using Van Leeuwen's legitimation strategies (2007), systematized by Recuero (2019, 2020), we analyzed 19 posts about the subject published in Jair Bolsonaro's official profile to understand his ways of arguing in relation to the Covid-19 vaccine, the way he turns vaccination into a political-ideological dispute and how he makes Twitter a space for confrontation. In our investigation, we observed that the president, based on a populist and neoliberal logic, uses authorization and rationality strategies to build the narrative that the individual has the freedom to choose whether to vaccinate or not.

Keywords: Vaccination; Covid-19; Legitimation strategies; Populism.

^a Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^b Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^c Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Ana Carolina Pontalti Monari. Endereço: Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Avenida Brasil, 4036. Mangueiras. 21040-361. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: agnesarruda@gmail.com.

Recebido em/Received: 31/03/2021; Aprovado em/Approved: 01/06/2021.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

INTRODUÇÃO

Em 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a pandemia desencadeada pelo vírus Sars-CoV-2 estava acompanhada de uma infodemia, ou seja, de um grande aumento no volume de informações associada a um determinado assunto, que podem se multiplicar rapidamente em pouco tempo devido a um evento específico (OMS, 2020). De acordo com a instituição, essa situação de excesso de informações, algumas precisas e outras não, podem tornar difícil a tarefa de encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa.

Este cenário de superabundância informacional, que é amplificado pelas redes sociais digitais, favorece o surgimento de rumores e desinformação, bem como expõe tentativas de criar controvérsias com determinados estudos científicos. Nas plataformas de mídias sociais, cientistas, políticos, profissionais de saúde, entre outros, travam embates buscando legitimar seu próprio discurso em detrimento dos demais e, assim, garantir a hegemonia do sentido em determinado assunto (Hardy & Philips, 1999; Soares et al., 2019).

A vacinação contra Covid-19 é um bom exemplo dessa questão. Diversos atores compartilharam seus pensamentos sobre o imunizante e o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, não é exceção a isso. Em seu perfil oficial do Twitter, ele postava seus argumentos para o público, que acabava endossando-o ou criticando-o por meio de curtidas, comentários e retuítes.

Como já havia anunciado desde o início de seu governo, e reforçado no transcorrer da pandemia no Brasil, Bolsonaro se valeu do Twitter como um “registro oficial” de suas opiniões sobre a Covid-19 e das medidas de combate ao vírus. Baseado em uma lógica neoliberal e seguindo os atos do ex-presidente americano Donald Trump, ele traçou três linhas de ação contra a doença: 1) relaxamento das medidas de isolamento em prol da economia; 2) incentivo ao “tratamento precoce” da enfermidade com o uso de medicamentos sem comprovação científica; e 3) vacinação não compulsória contra a Covid-19 visando a liberdade individual.

Todas essas condutas, no entanto, acabaram sendo alvos de questionamentos e conflitos entre o presidente e os governadores dos estados. No Twitter, Bolsonaro criticou os políticos que não seguiram suas orientações, em especial o governador de São Paulo, João Doria, com quem acabou travando uma disputa político-ideológica pelo capital simbólico da primeira pessoa a ser vacinada no Brasil. Em lados opostos e visando a eleição presidencial de 2022, Bolsonaro e Doria travaram embates discursivos, sobretudo nas redes sociais digitais, em que faziam menções e ataques uns aos outros e colocavam a vacinação como mote para a disputa (G1, 2020). Isso acabou sendo acentuado, principalmente, após o paulistano ter apostado no imunizante Coronavac (Butantan/SinoVac) como principal “arma” para a prevenção da Covid-19. Em contrapartida, o governo brasileiro decidiu formar parceria com a empresa AstraZeneca e a Universidade de Oxford para obter e produzir a Covishield na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Diante do exposto e compreendendo o Twitter como espaço de afirmação político-ideológica, interessa-nos investigar os argumentos de Bolsonaro sobre a vacinação contra a Covid-19. O nosso objetivo, portanto, é fazer um mapeamento e uma caracterização dos argumentos sobre o tema publicados no perfil oficial do presidente no Twitter entre agosto de 2020 e janeiro de 2021 - ou seja, seis meses antes da primeira pessoa ser vacinada no Brasil fora dos testes clínicos.

Entre as questões centrais que norteiam o nosso trabalho estão: quais são as características discursivas da argumentação de Bolsonaro sobre a vacina contra a doença?; quais são as estratégias enunciativas utilizadas pelo presidente acerca da imunização contra o novo coronavírus?; e, por fim, quais são as relações das falas de Bolsonaro com o contexto sanitário e político do Brasil? Antes de partirmos para nossa proposta metodológica, no entanto, é preciso compreender o contexto em que esses enunciados estão inseridos.

POPULISMO CONTEMPORÂNEO E SUAS RELAÇÕES COM AS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS

A pandemia desencadeada pelo novo coronavírus está sendo responsável pela pior recessão econômica desde a Segunda Guerra Mundial (Banco Mundial, 2020). Somado aos resultados econômicos e sociais da crise instalada em nível internacional, o Brasil também está enfrentando crises institucionais e políticas, que vêm ocorrendo pelo menos desde 2014, quando começaram os questionamentos sobre as instituições democráticas nas agendas pública e midiática (Oliveira, 2020).

Santos Júnior (2019) traz importantes apontamentos para se pensar a recente crise democrática brasileira. Segundo o pesquisador, é possível organizar os fatores em dois elementos: 1) exógenos às relações clássicas entre mídia e política (táticas de desinformação em massa, efeitos de algoritmos na polarização e na radicalização dos discursos, segregação da opinião pública por anúncios microdirecionados, etc.); e 2) endógenos dos próprios atores institucionais da comunicação política, que cercearam direitos individuais e criminalizaram a prática política (direcionamento da cobertura midiática para escândalos de corrupção e para o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, além dos desvios cometidos pelo sistema de justiça nos casos do Mensalão e da Operação Lava-Jato).

É válido mencionar que as instituições democráticas também desempenharam um papel fundamental em seu próprio descrédito e na polarização política. De acordo com Albuquerque (2021, p. 2, tradução nossa), isso ocorreu porque certos membros do “Judiciário, do Ministério Público e da mídia se aproveitaram das operações anticorrupção para atingir certas forças políticas. Por meio disso, eles promoveram ampla polarização política e cinismo em relação às instituições políticas brasileiras”. A ascensão de Jair Bolsonaro ao poder, portanto, não é a causa primária da crise institucional e epistêmica, mas uma consequência desse processo.

Desde a sua posse em 2019, Bolsonaro repete a retórica de sua época de campanha quando prometia libertar o povo da corrupção, do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto. Baseando-nos nos pensamentos de Ernesto Laclau (1985, 2013), podemos compreender que Bolsonaro se aproxima do conceito contemporâneo de populismo defendido por ele, que não está mais relacionado com a formalização retórica de um líder político, mas, encontra uma forte relação, entre suas marcas discursivas e os anseios da população, considerados como demandas. Neste sentido, “libertar o povo da corrupção”, por exemplo, seria uma espécie de resposta do atual governo aos anseios da população, de modo a parecer que os sujeitos estão concordando com ele em função de suas ideias e ações, quando, na realidade, ele está apenas retornando ao povo o que ele deseja ouvir.

Silvio Waisbord (2018) traça uma importante afinidade entre o populismo contemporâneo e a comunicação da pós-verdade, em que o surgimento de políticos populistas seria um sintoma da consolidação desta última. Este novo populismo é sustentado por uma política de pós-verdade, que está usando as mídias sociais como porta-voz para “notícias falsas” e “fatos alternativos” com a intenção de incitar o medo e o ódio do outro e, assim, ajudar a justificar políticas de saúde baseadas no “nós” e “eles”.

Considerada a palavra do ano de 2016 pelo Oxford Dictionary, o termo pós-verdade se refere às circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes para a formação da opinião pública que os apelos à emoção e às crenças pessoais (D’Ancona, 2018). Compreendendo que a verdade é deste e não de outro mundo e que ela está intrinsecamente relacionada às articulações entre poder e saber em uma dada sociedade (Foucault, 2013), podemos afirmar que estamos vivenciando uma mudança no regime de verdade baseado nas instituições (jornalismo, ciência) para outro baseado nas emoções, nas crenças e nas experiências. Neste novo regime, fatos postulados, por exemplo, pela ciência e pelo jornalismo passam a ser com frequência negados e substituídos por “fatos alternativos” (D’Ancona, 2018).

O populismo contemporâneo, portanto, rejeita a verdade baseada em evidências científicas como um horizonte comum e um esforço coletivo na vida democrática e passa a apostar no discurso de que é ele que oferece a verdade verdadeira, não proclamada pelas instituições que estão do outro lado da esfera – por exemplo, o jornalismo e ciência. É em situações como essa que a utilidade performativa do populismo vem à tona, já que funciona para pré-julgar e criticar o papel da perícia, negando-a antes mesmo que ela seja capaz de se envolver no debate. Assim, o imperativo empírico deve ser aquele que compreende as formas de atuação da expertise e da anti-expertise e, subsequentemente, desenvolve formas de se opor a esses movimentos. Sendo assim, no lugar de se fornecer e dissimular publicamente conhecimentos mais específicos sobre o novo coronavírus, baseado em apoio e fomento à pesquisa em diversas áreas do saber, o que temos recorrentemente como estratégia do populismo de extrema direita é deixar a discussão sobre ciência jogada na mão de anti-especialistas ou não cientistas.

Desse modo, acreditamos ser importante assumir as noções de alteridade e diferença como elementos fundamentais para a observação dos processos envolvidos na identificação dos grupos sociais que constituem "o povo" e aqueles que não o fazem. Assim, há muitos cientistas que defendem a necessidade de falarem a verdade ao poder, mesmo que isso faça deles "inimigos do povo".

É como se houvesse uma espécie de guerra entre a elite e o populismo (Waisbord, 2018), em que os membros da elite seriam corruptos, conspiratórios e indispostos a atender às demandas do povo (Mede; Schäfer, 2020). Essa retórica da verdade dividida continua mesmo após a chegada do político populista ao poder - Bolsonaro, por exemplo, é conhecido por "falar a verdade numa sociedade que está acostumada a viver na mentira" (Cesarino, 2021, p.541).

É válido ainda ressaltar que o populismo praticado pelo ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, pelo primeiro-ministro húngaro Viktor Órban e pelo atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, está atrelado aos valores conservadores, tais como a valorização da família, e a uma pauta neoliberal. Sendo assim, os posicionamentos contrários às instituições democráticas, em especial ao jornalismo e a ciência, também correspondem aos interesses neoliberais. De acordo com Cesarino (2021), o enfraquecimento desses reconhecidos mediadores, que, até pouco tempo atrás, eram responsáveis por estruturar a produção e a circulação da informação na esfera pública, é constitutivo do neoliberalismo. Essa desestruturação do Estado social tem correspondência com a fragilização de estruturas epistêmicas como os sistemas peritos (Giddens, 1991).

Compreender, portanto, os argumentos de Bolsonaro no Twitter sobre a vacina contra a Covid-19 é verificar a forma com que ele constrói verdades neste contexto político-ideológico. Verdade esta que se constitui como um projeto político (Waisbord, 2018), de antagonismo entre populistas e elites (nós x eles) e inserida em uma lógica neoliberal.

DISCURSO E ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO

O Twitter pode ser considerado uma ferramenta de mídia social, que reflete tanto redes sociais quanto os discursos que permeiam a sociedade (Recuero; Soares, 2020). Compreendemos mídia social como um efeito das ações de atores em sites de rede social, que publicam e replicam informações a fim de possibilitar visibilidade para determinados discursos em detrimento de outros (Recuero, 2016). Em relação aos argumentos sobre a vacinação contra a Covid-19, que é o objeto desta pesquisa, não é diferente, pois diferentes usuários, inclusive o presidente, tuitaram e retuitaram inúmeros posicionamentos sobre o imunizante. Dessa forma, entendemos o Twitter como um espaço de confronto argumentativo, ou em outras palavras, como um local em que os diferentes discursos disputam a hegemonia do sentido (Hardy & Philips, 1999; Soares et al., 2019).

Neste trabalho, concebemos o discurso como um “conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 2008, p. 132). A formação discursiva é responsável por definir a regularidade dos enunciados, que estão associados com um “dizer” específico que obedece a um conjunto de regras, dadas historicamente (Fischer, 2001). Os atos enunciativos são, portanto, determinados pelas dinâmicas de poder e saber de seu tempo.

O uso do Twitter como um espaço de disputa pela hegemonia do sentido não é recente. Desde as eleições de 2018, a ferramenta vem sendo um ambiente de construção, circulação e legitimação de diferentes narrativas e visões de mundo sobre determinados acontecimentos, sendo estas, muitas vezes, falsas ou fabricadas (Recuero, 2019). Dessa maneira, as postagens publicadas na rede social digital (os chamados tuítes), enquanto textos que constroem e compartilham sentidos, disputam entre si, na esfera pública de debate, os sentidos sobre um acontecimento. Com isso, podemos apreender que as disputas discursivas são parte das estratégias utilizadas para legitimar ou deslegitimar narrativas (Recuero, 2019).

É importante ressaltar que o Twitter possui estruturas tecnológicas por meio das quais as pessoas se engajam na plataforma (Boyd, 2010). Neste sentido, atividades como comentários, curtidas e retuítes são elementos que facilitam a publicação e reprodução do conteúdo, sua escalabilidade (facilidade de reprodução em larga escala), alcance e permanência no espaço on-line (Recuero, 2016). Compreendemos que todas essas práticas são importantes para o processo de produção social de sentidos sobre a vacinação contra a Covid-19 inserida no Twitter. No entanto, por questões de espaço, optamos pela coleta e análise das postagens publicadas pelo presidente de agosto de 2020 a janeiro de 2021. Nosso foco de estudo recai sobre os argumentos e os discursos anticientíficos acionados por Bolsonaro sobre a vacina e a vacinação contra a Covid-19.

Para que possamos investigar quais são as características discursivas dessa argumentação, precisamos, primeiramente, compreender quais são as estratégias de legitimação empregadas por ele neste cenário. Entendendo a legitimação como a validação do discurso proposto, nossa análise partirá dos estudos de Van Leeuwen (2007), que foram sistematizados por Recuero (2019; 2020).

Van Leeuwen (2007) apresenta uma estrutura para analisar a forma como os discursos constroem legitimação para práticas sociais na comunicação pública, bem como na interação cotidiana. Esse sistema foi reorganizado por Recuero (2019; 2020), que desenvolve um quadro metodológico em que as estratégias de legitimação podem ser divididas em quatro: **1) autorização (A)**, que é a legitimação pela referência a uma autoridade, seja pessoal (indivíduo com posição social ou autoridade institucional) ou impessoal (tradição, leis e costumes, entre outros); **2) avaliação moral (AM)**, que é a legitimação baseada em um sistema de valores de uma sociedade ou grupo e que faz referência à um discurso de valor maior por categorias como “bem” ou “mal”; **3) racionalização (R)**, que é quando a legitimação está apoiada no conhecimento, na argumentação ou na cognição; e, por fim, a **4) mythopoesis (M)**, ocasião em que a

legitimação envolve a construção de narrativas ou histórias, seja de cunho moral ou que construam algum tipo de alerta.

Diante de todo o exposto, este estudo propõe fazer um mapeamento e uma caracterização dos argumentos de Bolsonaro em relação à vacinação contra Covid-19 no Twitter. Para isso, nós analisamos todas as 804 postagens publicadas em seu perfil oficial entre agosto de 2020 e janeiro de 2021 e coletamos manualmente os 19 tuítes que abordavam a questão da vacinação durante o período. Os dados selecionados foram categorizados de acordo com as estratégias de legitimação (Van Leeuwen, 2007) sistematizadas por Recuero (2019; 2020) e cada uma das categorias foram analisadas para compreender 1) De que formas Bolsonaro, por meio de suas postagens no Twitter, argumenta em relação à vacina contra Covid-19?; 2) De que forma ele transforma a vacinação em um conflito político-ideológico?; 3) Como ele faz do Twitter um espaço de embate político-ideológico?

ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO EM RELAÇÃO À VACINA CONTRA COVID-19

Para iniciar nossa análise, categorizamos as 19 postagens sobre vacinação contra Covid-19 publicadas no perfil do presidente de acordo com as estratégias de legitimação (Van Leeuwen, 2007; Recuero, 2019; 2020;), conforme pode ser visto na sequência.

Quadro 1. Postagens analisadas e suas respectivas classificações.

Data da postagem	Texto da postagem	Tipo de legitimação
07/08/2020	Thread: 1- Publicada a MP que cria crédito extraordinário de R\$ 1,9 bilhão destinado à pesquisa, produção e aquisição da vacina contra a Covid-19, desenvolvida pela Universidade de Oxford. 2- Essa parceria visa também toda a transferência de tecnologia para o Brasil, de modo que a vacina poderá ser produzida aqui sem custos outros. 3- Comprovada sua eficácia contaremos com 100 milhões de doses a partir de janeiro de 2021, que serão distribuídas gratuitamente. Valeu!	A, R
16/10/2020	Covid-19 Vacinação. Lei 13.979 de 06/fev/2020: Art 3º, inciso III: PODERÃO ser adotadas a realização compulsória de vacinação e outras medidas profiláticas para o enfrentamento da pandemia. -Lei 6.259 de 30/out/1975 Art. 3º Cabe ao Ministério da Saúde a elaboração do Programa Nacional de Imunizações, que definirá as vacinações, inclusive de caráter obrigatório. Art. 6º Os governos estaduais, COM AUDIÊNCIA PRÉVIA do Ministério da Saúde, poderão propor medidas legislativas complementares visando aos cumprimentos das vacinações,	A, R

Data da postagem	Texto da postagem	Tipo de legitimação
	obrigatórias por parte da população, no âmbito dos seus territórios. Apesar do art. 3º, inciso III, letra “d”, da lei nº 13.979/20, prever que o poder público poderá determinar a realização compulsória da vacinação, o Governo Federal não vê a necessidade de adotar tais medidas e NEM RECOMENDARÁ SUA ADOÇÃO por gestores locais. - O MS irá oferecer a vacinação, de forma segura, sem açodamento, no momento oportuno, após comprovação científica e validada pela Anvisa, contudo, sem impor ou tornar a vacinação obrigatória.	
19/10/2020	A vacina não será obrigatória. Inscreva-se em nosso canal no YouTube: https://youtu.be/K12DfbTFPc4 .	A, AM, R
21/10/2020	Thread: A VACINA CHINESA DE JOÃO DORI. Para o meu Governo, qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE e CERTIFICADA PELA ANVISA. - O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM. - Não se justifica um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de testagem. - Diante do exposto, minha decisão é a de não adquirir a referida vacina.	A, R, M
22/10/2020	- Diretora da OMS não recomenda que vacina contra Covid-19 seja obrigatória.	A
22/10/2020	A OMS, depois da minha manifestação, se posiciona contra a vacinação obrigatória. Agora eles começam a acertar.	A, AM, R
24/10/2020	Boa noite a todos. Vacina obrigatória aqui só no faísca.	M
26/10/2020	- A vacina não é questão de Justiça, mas de Saúde. Link no YouTube. Inscreva-se: https://youtu.be/epbDGbbp2zc	A, R
26/10/2020	- Dra. Nise Yamaguchi e seus argumentos sobre a vacina: eficácia, segurança, obrigatoriedade, pressa... etc. Recomendo assistir, principalmente até os 41 minutos. @LedaNagle.	A, R
08/12/2020	O Brasil disponibilizará vacinas de forma gratuita e voluntária após COMPROVADA EFICÁCIA E REGISTRO NA ANVISA. Vamos proteger a população respeitando sua liberdade, e	A, AM, M

Data da postagem	Texto da postagem	Tipo de legitimação
27/12/2020	<p>não usá-la para fins políticos, colocando sua saúde em risco por conta de projetos pessoais de poder.</p> <p>VACINA - A PRESSA PELA VACINA: - Existem 4 laboratórios que desenvolvem estudos clínicos de vacinas no Brasil. Contudo, nenhum deles até agora, apresentou junto à ANVISA, pedido de uso emergencial ou de registro.</p> <p>- A ANVISA é uma agência de Estado, não de governo. Sua atuação é independente e reconhecida no mundo todo, pela excelência do trabalho dos seus servidores.</p> <p>- Temos pressa em obter uma vacina, segura, eficaz e com qualidade, fabricada por laboratório devidamente certificado. Mas a questão da responsabilidade por reações adversas de suas vacinas é um tema de grande impacto, e que precisa ser muito bem esclarecido.</p> <p>- O presidente da República, caso exercesse pressões pela vacina, seria acusado de interferência e irresponsabilidade.</p> <p>- Tão logo um laboratório apresentasse seu pedido de uso emergencial, ou registro junto à ANVISA, e esta proceda a sua análise completa e o acolha, a vacina será ofertada a todos e de forma GRATUITA e NÃO OBRIGATÓRIA.</p>	A, R,
28/12/2020	<p>- Quase toda a imprensa me atacou dizendo que desprezo a vida pelo "EU NÃO DOU BOLA PARA ISSO". Assista ao vídeo, e veja a verdade: https://youtu.be/pl9fe3kW5vM. Via Parler: JairMBolsonaro</p>	AM, R
04/01/2021	<p>O tratamento precoce salva vidas. A vacina emergencial (depois de certificada pela @anvisa_oficial), e não obrigatória, está a caminho. Link no YouTube: https://youtu.be/Z45wwCjUScl</p>	A, R, M
06/01/2021	<p>O Brasil consome 300 milhões de seringas por ano. Também somos um dos maiores fabricantes desse material. - Como houve interesse do Ministério da Saúde em adquirir seringas para o seu estoque regular, os preços dispararam e o MS suspendeu a compra até que os preços voltem à normalidade. - Estados e municípios têm estoque de seringas para o início das vacinações, já que a quantidade de vacinas num primeiro momento não é grande. - Por volta de 44 países estão vacinando, contudo, a Pfizer vendeu para muitos desses apenas 10.000 doses. Daí a falácia da mídia como se estivessem vacinando toda a população. Na tabela abaixo, o percentual de vacinados em alguns países até a data de 04/janeiro/2021: -China:0,31%; - Rússia: 0,55%; - Reino</p>	A, AM, M

Data da postagem	Texto da postagem	Tipo de legitimação
	Unido: 1,39%; - EUA: 1,28%; - Canadá: 0,30%; - Itália: 0,19%; - Chile: 0,05%; - México: 0,02%; -Alemanha: 0,29% - Brasil: 0,00%; - Holanda: 0,00%; - Japão: 0,00%	
07/01/2021	O restabelecimento da verdade sobre a vacina no Brasil. @minsaude. Na live das 19h mais verdades. Bom dia a todos. Link no YouTube: https://t.co/zmSBoHsQkB?amp=1	A, R
12/01/2021	Boa imprensa não é a que mais critica ou elogia, mas aquela que fala a verdade. Teremos a vacina de forma segura e eficiente, para todos os voluntários, depois de certificada pela @anvisa_oficial. Assista é só depois comente. Link no YouTube: https://t.co/C5f1LaKvc9?amp=1 .	A, AM
21/01/2021	NOVA DÉLHI, 21 Jan/Reuters/por Sanjeev Miglani - O governo da Índia liberou as exportações de vacinas contra a Covid-19, e as primeiras remessas serão enviadas nessa sexta-feira para o Brasil e Marrocos, disse o secretário de Relações Exteriores da Índia. - Meus cumprimentos ao @ItamaratyGovBr @ernestofaraujo e servidores pelo trabalho realizado.	R
22/01/2021	Recebemos hoje 2 milhões de doses da vacina Astrazeneca/Oxford, vindas da Índia. Negociadas pelo minsaude, e adquirida também por um grande número de países	R
22/01/2021	Thread: Namaskar, Primeiro Ministro @narendramodi. O Brasil sente-se honrado em ter um grande parceiro para superar um obstáculo global. Obrigado por nos auxiliar com as exportações de vacinas da Índia para o Brasil. Dhanyavaad! धन्यवाद.	R

Fonte: autoria própria (2021).

Posteriormente, nós reclassificamos (quadro 2) os dados para verificar quais foram as estratégias de legitimação mais encontradas nas postagens. Nós observamos que autorização (A) e racionalização (R) foram as categorias que mais apareceram nos textos publicados por Bolsonaro em sua mídia social.

Quadro 2. Estratégias de legitimação por postagem.

Estratégias de legitimação	Número de postagens	Data das postagens
A, R	6	07/08/2020, 16/10/2020, 26/10/2020, 26/10/2020, 27/12/2020, 07/01/2021
R	3	21/01/2021, 22/01/2021, 22/01/2021
A, AM, R	2	19/10/2020, 22/10/2020
A, R, M	2	21/10/2020, 04/01/2021
A, AM, M	2	08/12/2020, 06/01/2021
Outros (A; M; AM, R; A, AM)	4	22/10/2020, 24/10/2020, 28/10/2020, 12/01/2021

Fonte: autoria própria (2021).

Autorização (A) e Racionalização (R)

Nesta categoria, podemos observar que Bolsonaro se utiliza da referência de sua própria posição enquanto presidente para legitimar seus argumentos em relação à vacina contra Covid-19. O fato dele ser a pessoa que está proferindo os enunciados expressos nos textos, bem como o uso de termos como “governo federal”, “presidente da República” e “no que depender do Ministério da Saúde e do presidente da República” ilustram o uso da legitimação baseada na autoridade pessoal (Van Leeuwen, 2007; Recuero, 2019; 2020). Ele ainda se apropria dessa estratégia quando faz menção a outras autoridades pessoais, como o então ministro da Saúde Eduardo Pazuello e a médica oncologista e imunologista Nise Yamaguchi, que ficou conhecida em todo o Brasil por ser defensora do chamado “tratamento precoce” para a Covid-19 com o uso de medicamentos não comprovados cientificamente (por exemplo, a hidroxiquina). Há também a legitimação pela autoridade impessoal, quando Bolsonaro se utiliza da lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020¹, para afirmar que, apesar do escrito na norma, não irá recomendar a vacinação compulsória da população contra a Covid-19.

É interessante notar que todas as postagens analisadas nesta categoria abordam a questão da vacinação não compulsória contra a doença – temática recorrentes nas demais classificações deste estudo. Para construir o argumento de que o indivíduo tem a liberdade de escolher se será vacinado ou não, o presidente utiliza a racionalização

¹ BRASIL. Lei nº 13.979, 6 de fevereiro de 2020. Diário Oficial da União, 07 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2PbjuFH>. Acesso em: 30 mar. 2021.

como estratégia de legitimação por meio de explicações sobre o desenvolvimento de vacinas e a ratificação com elementos como leis e reportagens.

A ênfase na liberdade de escolha dos indivíduos não é algo novo na retórica bolsonarista. Recentemente, ele usou esse tipo de argumento para defender o seu posicionamento favorável em relação à (hidroxi)cloroquina como tratamento precoce para a Covid-19. Em um contexto de pós-verdade, que existe dentro de uma lógica neoliberalista, os indivíduos foram deixados para escolher “livremente” se desejavam tomar o medicamento ou não, mesmo com a comprovação científica de que o composto não produz efeitos terapêuticos positivos contra a Covid-19 (Monari; Santos, Sacramento, 2020).

Bolsonaro transfere esse mesmo raciocínio para a vacinação contra o novo coronavírus se baseando, sobretudo, no argumento de que o imunizante estaria sendo feito rápido demais e que não haveria a necessidade de “açodamento”. Em, pelo menos, dois momentos ele critica a “pressa” pela aprovação da vacina na Anvisa por meio das estratégias de legitimação de autoridade (com a entrevista da médica Nise Yamaguchi para a jornalista Leda Nagle) e racionalização, com o uso de dados e questionamentos sobre a responsabilidade por supostas reações adversas.

Racionalização (R)

A racionalização foi a segunda estratégia mais usada por Bolsonaro em seus argumentos sobre a vacinação contra a Covid-19. Nesta categoria estão alocados os discursos proferidos pelo presidente sobre suas ações em relação ao tema, além do estreitamento de relações diplomáticas com outros países. O uso de plataformas de mídia social, como o Twitter, por políticos trouxe uma nova configuração na relação deles com seus públicos. Com suas contas particulares, eles podem informar suas medidas, propostas e pensamentos aos seus eleitores de forma mais direta, sem passar pela mediação da imprensa. Desde a eleição de 2018, Bolsonaro estabeleceu esse espaço das redes sociais digitais como o seu “palanque pessoal”, local onde ele poderia construir e manter sua mensagem e persona política, disseminar ideias de todos os tipos (incluindo fatos controversos, teorias conspiratórias e desinformações) e capturar a atenção de novos eleitores (Viscardi, 2020).

Com a sua eleição e posse como presidente, ele continuou utilizando a ferramenta como uma espécie de complemento da assessoria de imprensa e do Diário Oficial. Incorporando a imagem de “porta-voz” do governo, ele utiliza as redes sociais digitais, inclusive o Twitter, como o principal difusor das ações promovidas por ele e sua equipe para o Brasil (Gaúcha ZH, 2019). Isso não seria diferente durante a pandemia de Covid-19 e todas as medidas tomadas pelo governo federal para conter a doença estão presentes nos textos investigados nesta categoria.

Autorização (A), Avaliação Moral (AM) e Racionalização (R)

A questão da ênfase na liberdade do indivíduo em se vacinar ou não contra a Covid-19 também permeia essa categoria, porém, além das estratégias de autorização e racionalização para legitimar seu discurso, Bolsonaro também se utiliza de mecanismos de avaliação moral. De acordo com Van Leeuwen (2007; Recuero, 2019; 2020), essa tática pode ser feita a partir de analogias ou por generalização de algo buscando um discurso de valor maior.

No dia 22 de outubro de 2020, foi publicado um vídeo no perfil oficial de Bolsonaro no Twitter em que ele falava que a OMS teria sido contra medidas autoritárias e contra a obrigatoriedade da vacinação. Na mesma postagem, ele diz “quer dizer que a OMS se manifestou depois de eu ter me manifestado, então, dessa vez estão se informando corretamente, talvez me ouvindo até” e ainda faz um comentário sobre o atual governador de São Paulo, João Doria, ao afirmar “impor medidas autoritárias só para esses nanicos projetos de ditadores como esse cara de São Paulo aí”.

Em relação à OMS, Bolsonaro retira de contexto a fala da vice-diretora geral da área de Medicamentos, Vacinas e Produtos Farmacêuticos da OMS, Mariângela Simão, para construir um discurso de valor maior, em que ele seria o único “detentor” da verdade (Cesarino, 2021). Na realidade, Simão teria dito que a instituição recomenda que cada país tome a decisão (de obrigar ou não a população a se vacinar) de acordo com a sua realidade local - ou seja, o órgão não é contrário a essa prática (UOL, 2020).

O uso político-ideológico da Covid-19 fica evidente nas duas postagens analisadas nesta categoria, principalmente nos embates discursivos entre Bolsonaro e Doria sobre a obrigatoriedade da vacinação contra a doença. Para além do caso já citado, Bolsonaro afirma em seu perfil no Twitter, no dia 19 de outubro de 2020, que “tem um governador aí que está se intitulando ‘o médico do Brasil’ dizendo que ela [vacina] será obrigatória e eu repito que não será”. Ele fazia referência a uma fala de Doria três dias antes em que ele afirmava que a vacinação contra Covid-19 seria compulsória em todo o Estado de São Paulo assim que fosse aprovada pela Anvisa (Uol, 2020). Bolsonaro ao fazer uma analogia de Doria como “médico do Brasil” pode oferecer a interpretação para o seu público de que o político desejaria atuar como uma espécie de médico receitando e impondo o que ele acha que seria melhor para o paciente, no caso o Brasil, sem, no entanto, consultar o próprio enfermo. Ele traz um contraponto a essa fala ao enunciar “da nossa parte, a vacinação só será feita depois de aprovada pelo Ministério da Saúde, com comprovação científica e validada pela Anvisa” se apoiando na estratégia de legitimação de autoridade pessoal (Ministério da Saúde, ciência e Anvisa).

Autorização (A), Racionalização (R) e Mythopoesis (M)

A transformação da Covid-19 de causa sanitária em conflito político-ideológico também aparece nesta classificação, principalmente pela construção de narrativas de cunho moral ou que possuam algum tipo de alerta – a chamada estratégia de legitimação mythopoesis (Van Leeuwen, 2007; Recuero, 2019; 2020). Para reforçar o seu

argumento de que a vacinação não será mandatória, Bolsonaro se utiliza do termo “a vacina chinesa de João Doria”, que expõe tanto seu embate político-ideológico com o governador paulista quanto a ideia de culpabilização da China pelo surgimento do novo coronavírus.

O primeiro caso de Covid-19 no mundo foi registrado na China em 2019 e, embora não se saiba a origem do vírus Sars-CoV-2, que é responsável pela doença, inúmeras desinformações e teorias da conspiração surgiram nas redes sociais digitais relacionando os hábitos alimentares chineses à criação do vírus (Sacramento; Monari, Chen, 2020), além de outras narrativas como a de que o governo chinês teria fabricado o microorganismo em laboratórios buscando uma suposta “dominação mundial” (Moraes, 2020).

A vacina citada por Bolsonaro em sua fala é a Coronavac, desenvolvida no Brasil pelo Instituto Butantan em parceria com a farmacêutica chinesa SinoVac, sendo a principal aposta de Doria para o combate à doença. O uso da nacionalidade do imunizante pelo presidente, no entanto, tem menos a ver com a localidade de produção do medicamento, e mais a ver com uma alusão às narrativas construídas no imaginário do brasileiro sobre a culpabilização da China pela origem do vírus (Jaworsky; Qiaoan, 2020). O uso de termos como “o povo brasileiro não será cobaia de ninguém” e “não se justifica um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de testagem” colaboram na sua argumentação de cunho moral contra o país sino.

Embora o termo “vacinação” esteja escrito na postagem do dia 04 de janeiro de 2021, Bolsonaro foca a sua argumentação no chamado “tratamento precoce” contra Covid-19, que é composto por medicamentos sem comprovação científica, tais como a (hidroxi)cloroquina. Ele se utiliza de duas autoridades pessoais (o médico pediatra e toxicologista Anthony Wong e a jornalista Paula Leal, do programa “Os Pingos nos Is”, da rádio Jovem Pan) para promover a aceitação de uma narrativa conspiratória, de que haveria um “suposto” interesse da indústria farmacêutica e da OMS em não receitar e/ou realizar estudos que poderiam comprovar a eficácia e, conseqüentemente, a liberação desses medicamentos para a Covid-19. Com base em uma supervalorização dos relatos experienciais, sobretudo os baseados na prática médica (Sacramento; Santos; Abib, 2020) o vídeo traz frases como “E porque a OMS não banca isso [o tratamento precoce]?” de Leal e “Não sei, isso é muito difícil... há muito dinheiro envolvido” de Wong para reforçar o argumento de que existem interesses ocultos visando não receitar essas drogas.

Autorização (A), Avaliação Moral (AM) e Mythopoesis (M)

Nessa categoria, que une três tipos de legitimação do discurso, fica evidente que Bolsonaro se utiliza de estratégias de autoridade pessoal (no caso, a pessoa que profere o ato enunciativo - ele mesmo), de analogias e generalizações (“respeitando a sua liberdade”, “colocando a sua saúde em risco” e “falácia da mídia”) e de

construções de narrativas de cunho moral e julgamentos de valor (“projetos pessoais de poder” e “falácia da mídia”) para argumentar contra a vacinação compulsória de Covid-19.

No dia 06/01/2021, o atual presidente da República também faz uma legitimação ancorada no conhecimento por meio de um raciocínio baseado em dados, porém essas informações são fornecidas ao público sem citar as suas fontes, o que não oferece mecanismos para que a população possa checá-las. No texto, há percentuais de pessoas vacinadas em 44 países do mundo até 4 de janeiro de 2021 buscando supostamente provar que a mídia estaria mentindo quando diz que essas nações estão “vacinando toda a população” quando, na realidade, estão imunizando apenas frações dela.

Bolsonaro faz novamente do Twitter um espaço de embate político-ideológico, mas desta vez o seu alvo é a imprensa, da qual ele se diz ser uma “agenda alternativa” (Goldstein, 2019). Os ataques à mídia considerada tradicional não são novidade no discurso bolsonarista, uma vez que, desde a campanha presidencial de 2018, Bolsonaro argumenta contra os veículos de comunicação, em especial a Rede Globo.

Outros

É importante mencionar, por fim, que encontramos quatro postagens que apresentavam combinações diferentes de estratégias de legitimação: autorização; mythopoesis; avaliação moral e racionalização; e autorização e avaliação moral. Com exceção de uma (texto do dia 24/10/2020), que emprega elementos de humor para se aproximar do público e construir uma narrativa em prol da liberdade do indivíduo em se vacinar ou não, as demais permeiam os tópicos já elencados por este estudo, tais como o uso distorcido de matérias jornalísticas e acusações de supostas falácias cometidas pela imprensa.

DISCUSSÃO

Os dados coletados e analisados neste estudo apontam para diferentes estratégias de legitimação (Van Leeween, 2007; Recuero, 2019; 2020) utilizadas por Bolsonaro para construir a sua argumentação em relação à vacinação contra Covid-19, mas também mostram duas temáticas que aparecem com frequência em suas postagens: a liberdade de escolha do indivíduo de se vacinar ou não contra a doença e o uso político-ideológico de uma causa sanitária.

Em todas as categorias, a questão da vacinação compulsória aparece refletida seja em texto ou em vídeo. Bolsonaro busca argumentar para a sua audiência que o seu governo não irá obrigar nenhum cidadão a se vacinar, embora deixe claro que o imunizante será oferecido de forma gratuita para toda a população após sua devida comprovação científica e aprovação pela Anvisa. Em uma lógica neoliberal e populista, Bolsonaro faz um aceno para o seu eleitorado ao dizer que ele poderá fazer uma

“escolha livre”, mas, ao mesmo tempo, não deixa de lado os seus opositores, que não ficarão sem seus imunizantes e poderão receber uma dose do medicamento. Essa ambiguidade está presente em outros momentos, porém, é mais nítida a partir de janeiro de 2021 quando a corrida pelo capital simbólico da primeira pessoa a ser vacinada no Brasil empreendida por ele e o governador João Doria se acirrou.

A vacinação contra a Covid-19 é permeada por outras controvérsias que a precederam no contexto histórico-político brasileiro. Desde o início da pandemia, Bolsonaro trava embates quase diários com governadores e prefeitos pela condução das medidas para conter o vírus. Enquanto estes são, em grande parte, adeptos do isolamento social, Bolsonaro é contra essas medidas em prol da economia e propaga o uso de medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da enfermidade. Por causa de sua projeção eleitoral para o próximo pleito presidencial, Doria acabou se transformando em uma espécie de opositor do presidente, especialmente após a sua aposta na Coronavac.

Com isso, podemos depreender que a Covid-19 deixou de ser uma causa apenas sanitária para ser um conflito político. Ou seja, se transformou em uma guerra cultural, que toma forma por meio de disputas de opiniões contrárias que visam à hegemonia política e que seriam identificadas na sociedade a partir de embates culturais (Souza; Finguerut, 2018). Seria, portanto, por meio da polarização entre o “nós” e o “eles”, que Bolsonaro reforçaria o conflito entre autonomia e controle, soberania individual e submissão coletiva (Monari; Santos; Sacramento, 2020), estabelecendo sempre em sua narrativa um inimigo a ser combatido.

É válido ressaltar que o surgimento de políticos populistas, tais como Bolsonaro, é um sintoma da consolidação da comunicação da pós-verdade como uma distinta característica da política contemporânea (Waisbord, 2018). No cenário em que fatos objetivos têm menos apelo para a constituição da opinião pública que emoções e crenças pessoais (D’Ancona, 2018), Bolsonaro, enquanto um político populista, aposta no discurso de que oferece “verdades” sobre a vacinação que não foram proclamadas pelas instituições que estão do outro lado da polarização, tais como a mídia e a ciência. Seria como se houvesse uma guerra entre membros da elite versus membros do populismo, em que estes atacam as elites dizendo que os fatos proferidos por eles não são verdadeiros (Waisbord, 2018). Para reforçar a sua ênfase na liberdade do indivíduo de se vacinar, Bolsonaro, portanto, se utiliza dessa tática da “verdade dividida” e oferece para os seus seguidores do Twitter uma narrativa alternativa da mídia tradicional, das universidades e, com toda a certeza, de seus opositores políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do mapeamento e da caracterização dos argumentos de Bolsonaro no Twitter, nós observamos que o presidente constrói a sua narrativa sobre a vacinação contra Covid-19 baseado principalmente em discursos de autoridade - seja a dele próprio enquanto a pessoa que profere o enunciado ou a de terceiros (médicos,

políticos, jornalistas). Em vários momentos, a sua racionalidade pautada no conhecimento, na argumentação ou na cognição ganhou o respaldo de entrevistas e relatos médicos, o que garante a sua legitimidade perante o público.

Essa estratégia, no entanto, também foi usada por Bolsonaro como uma forma de desacreditar as instituições balizadoras da democracia. A publicação de trecho da entrevista do médico Anthony Wong para o programa “Os Pingos nos is” (tuíte de 04/01/2021), exemplificada neste estudo, é um bom exemplo disso. Wong utiliza de seu capital simbólico enquanto médico para desconfiar e negar a ciência enquanto instituição produtora de saber, por meio de uma narrativa de que esta estaria à serviço da indústria farmacêutica, que visa apenas lucros em detrimento da vida. Bolsonaro, ao se apropriar desse argumento, reforça a lógica populista contemporânea e endossa a alegação de que somente ele poderia oferecer ao público a “verdade” sobre a vacinação contra a Covid-19, uma vez que a ciência e a mídia estariam atendendo aos interesses da elite.

É interessante também notar a forma como Bolsonaro entra em contradição sobre o uso político-ideológico do imunizante. Na postagem do dia 08/12/2020, o presidente afirma que não quer usar a vacina para “fins políticos” ou colocar a saúde da população em risco “por conta de projetos pessoais de poder”. No entanto, ele faz exatamente o oposto quando, em uma nítida disputa contra Doria pelo capital simbólico da primeira pessoa a ser vacinada, ele desautoriza seu ex-ministro da Saúde a comprar doses da Coronavac e diz que não comprará “a vacina da China” (G1, 2020).

A ascensão do populismo e o surgimento de políticas anticientíficas parecem ocorrer simultaneamente, levantando questões sobre sua possível conexão. O desrespeito e antipatia de populistas de extrema-direita - como Bolsonaro - com a ciência podem estar associados ao fato de que a ciência é baseada em evidências, é objetiva e exige provas de declarações, enquanto a política populista é baseada em anúncios e arroubos emocionais, por uma retórica centrada na experiência pessoal, no culto desenfreado ao líder, marcados pelo ódio àqueles considerados como diferentes, vistos como ameaças ao governo e ao regime de crenças defendidos. Não é à toa que os cortes nas despesas com a ciência, ajustes estruturais e realocação de fundos, controle da informação e promoção da pseudociência acontecem no Brasil e se agravam de formas alarmantes. Entendemos que a agenda anticientífica serve para aprofundar as divisões sociais, destacando as diferentes ferramentas e abordagens que aplica. Este populismo é necessariamente anticientífico: significa promover políticas que são populares com “o povo”, não entre os intelectuais, os cientistas e os especialistas.

FINANCIAMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelas bolsas e pelo apoio/fomento à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso, 2021. The Two Sources of the Illiberal Turn in Brazil. *Brown Journal of World Affairs*, v. 27, n. 2, p. 1-18.

BANCO MUNDIAL, 2020. O COVID-19 lança a economia mundial na pior recessão desde a Segunda Guerra Mundial. Banco Mundial, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/39rblnn>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BOYD, Danah, 2010. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. Em: PAPACHARISSI, Zizi. (ed.). *A networked self: identity, community, and culture on social network sites*. Abingdon: Routledge, p. 39-58.

CESARINO, Letícia, 2021. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. *Ilha*, v. 23, n. 1, p. 73-96.

D'ANCONA, Matthew, 2018. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Faro editorial.

FISCHER, Rosa Maria Bueno, 2001. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de pesquisa*, n. 114, p. 197-223.

FOUCAULT, Michel, 2008. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

FOUCAULT, Michel, 2013. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal.

G1, 2020. Veja a cronologia da disputa entre Bolsonaro e Doria em torno da vacina contra a Covid-19. G1, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3w99CwG>. Acesso em: 30 mar. 2021.

GAÚCHA ZH, 2019. Bolsonaro esvazia comunicação oficial, infla redes sociais e atua como porta-voz. Gaúcha ZH, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3cwDZW6>. Acesso em: 30 mar. 2021.

GIDDENS, Anthony, 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.

GOLDSTEIN, Ariel, 2019. O sucesso das “guerras culturais” na campanha de 2018: Bolsonaro no Facebook e Instagram. *Revista Inter-legere*, v. 2, n. 26, c20148. Disponível em: <https://bit.ly/2QScJJI>. Acesso em: 30 mar. 2021.

HARDY, Cynthia, PHILLIPS, Nelson, 1999. No joking matter: discursive struggle in the Canadian refugee system. *Organization Studies*, v. 20, n. 2, p. 1-24.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). Thread 1 (...) 7 ago. 2020, 6h23. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3uc8IDp>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). Covid-19 Vacinação (...) 16 out. 2020, 20h21. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/31DVCgd>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). A vacina não será obrigatória (...) 19 out. 2020, 13h12. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3sFFial>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). Thread: A VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA (...) 21 out. 2020, 10h39. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/2PFgKjM>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). - Diretora da OMS (...) 22 out. 2020, 8h53. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/39sTBbo>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). -- A OMS (...) 22 out. 2020, 15h23. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3rwEt2R>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). Boa noite a todos (...) 24 out. 2020, 19h36. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/39oXldK>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). - A vacina não é (...) 26 out. 2020, 13h22. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3fsqvN6>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). - Dra. Nise Yamaguchi (...) 26 out. 2020, 5h26. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3m3IASV>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). O Brasil disponibilizará (...) 8 dez. 2020, 18h04. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3cBm2Ww>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). VACINA - A PRESSA PELA VACINA (...) 27 out. 2020, 14h56. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3sDNnwz>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). - Quase toda a imprensa (...) 28 dez. 2020, 7h35. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/39uiHX7>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). O tratamento precoce (...) 04 jan. 2021, 9h38. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3u3Vbbt>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). O Brasil consome (...) 6 jan. 2021, 8h13. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/31yfWjq>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). - O restabelecimento (...) 7 jan. 2021, 9h. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3m7nAe4>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). Boa imprensa (...) 12 jan. 2021, 7h13. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3diXBwb>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). Recebemos hoje (...) 22 jan. 2021, 11h54. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3cycYl9>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAIR M. BOLSONARO (@jairbolsonaro). NOVA DÉLHI (...) 21 jan. 2021, 15h40. [Tuíte]. Disponível em: <https://bit.ly/3sEqycd>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JAWORSKY, Bernadette Nadya, QIAOAN, Runya, 2020. The politics of blaming: the narrative battle between China and the US over COVID-19. *Journal of Chinese Political Science*. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11366-020-09690-8>. Acesso em: 30 mar. 2021.

- LACLAU, Ernesto, 2013. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas.
- LACLAU, Ernesto, MOUFFE, Chantal, 1985. *Hegemony & Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. London: Verso.
- MEDE, Niels, SCHÄFER, Mike, 2020. Science-related populism: conceptualizing populist demands toward science. *Public Understand of Science*, v. 29, n. 5, p. 473-491.
- MONARI, Ana Carolina Pontalti, SANTOS, Allan, SACRAMENTO, Igor, 2020. COVID-19 and (hydroxy)chloroquine: a dispute over scientific truth during Bolsonaro's weekly Facebook live streams. *Journal of Science Communication*, v. 19, n. 7, A03.
- MORAES, Maurício, 2020. Na web, teorias da conspiração apontam a China e EUA como criadores da covid. Uol, 04 ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3u5BX5d>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- OLIVEIRA, Thaiane Moreira de, 2020. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. *Liinc em Revista*, v. 16, n. 2, e5374.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS 2020. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. OMS, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3sANrxh>. Acesso em: 30 mar. 2021
- PARZIANELLO, Geder Luis, 2020. O governo Bolsonaro e o populismo contemporâneo: um antagonismo em tela e as contradições de suas proximidades. *Aurora*, v. 12, n. 36, p. 49-64.
- RECUERO, Raquel. SOARES, Felipe Bonow, 2020. O discurso desinformativo sobre a cura do COVID-19 no Twitter: estudo de caso. *E-Compós*. Disponível em: <https://bit.ly/3mcMwRm>. Acesso em: 24 mar. 2020.
- RECUERO, Raquel, 2016. Discurso mediado por computador nas redes sociais. Em: ARAÚJO, Júlio, LEFFA, Vilson. (org.). *Redes Sociais e Ensino de Línguas: O que temos a aprender?* São Paulo: Parábola, p. 17-32.
- RECUERO, Raquel, 2019. Disputas discursivas, legitimação e desinformação: o caso Veja x Bolsonaro nas eleições de 2018. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 16, n. 47, p. 432-458.
- RECUERO, Raquel, 2020. #Fraudenasurnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições de 2018. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 20, n. 3, p. 383-406.
- SACRAMENTO, Igor, SANTOS, Allan, ABIB, Roberto, 2020. A saúde na era da testemunha: experiência e evidência na defesa da hidroxycloquina. *Comunicação, cultura e sociedade*, v. 7, n. 11, p. 03-23.
- SACRAMENTO, Igor, MONARI, Ana Carolina Pontalti, CHEN, Xuewu, 2020. O vírus do morcego: fake news e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da Covid-19. *Comunicação & Inovação*, v. 21, n. 47, p. 82-98.
- SANTOS JÚNIOR, Marcelo Alves, 2019. *Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018*. Tese (Doutorado em

Comunicação). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense. [Acesso em 29 maio 2021]. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15381>.

SOARES, Felipe Bonow, RECUERO, Raquel, ZAGO, Gabriela, 2018. Influencers in polarized political networks on Twitter. Em: International Conference on Social Media and Society. Nova York, EUA: ACM, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3217804.3217909>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SOUZA, Marcos Aurélio Dias de, FINGUERUT, Ariel, 2018. Que direita é esta? As referências a Trump na nova direita brasileira pós-Michel Temer. Revista TOMO, n. 33, p. 229-270.

UOL, 2020. Diretora da OMS não recomenda que vacina contra covid-19 seja obrigatória. Uol, 21 out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Oawb30>. Acesso em: 30 mar. 2021.

UOL, 2020. Bolsonaro volta a atacar Dória por vacina: “se intitula médico do Brasil”. Uol, 19 out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3cAcOd9>. Acesso em: 30 mar. 2021.

VAN LEEUWEN, Theo, 2007. Legitimation in discourse and communication. *Discourse & Communication*, v. 1, n. 1, p. 91-112.

VISCARDI, Janaisa Martins, 2020. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. *Trabalhos em Linguística aplicada*, v. 59, n. 2, p. 1134-1157. Disponível em: <https://bit.ly/3m6l6et>. Acesso em: 30 mar. 2021.

WAISBORD, Silvio, 2018. The elective affinity between post-truth communication and populist politics. *Communication Research and Practice*, v. 4, n. 1, p. 17-34.